Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP

CMUHE016831

COMO Saint Hilaire viu a Campinas de 1819. Correio Popular, Campinas, 14 jul. 1974.

COMO SAINT HILAIRE VIU A CAMPINAS DE 1819

Agostinho Francisco Cezar de Saint Hilaire, nasceu em Orleans, na França, em 1799 e ali faleceu em 1853. De família ilustre, cujos descendentes se destacavam nas ciências e nas letras, teve decidido pendor para a história natural, em que devia se notabilizar também.

Em companhia do duque de Luxemburgo, acreditado perante a corte portuguesa no Rio de Janeiro, visitou o nosso país e nele permaneceu durante algum tempo, viajando continuadamente.

Dos estudos que fez às diferentes zonas do Brasil escreveu diversas obras sob o título de VIAGENS. Esteve em São Paulo, passando por Mogi Guaçu, Mogi Mirim, São Carlos (Campinas) e Jundiaí. Aqui chegou na tarde de 23 de outubro de 1819, sábado, passando aqui o domingo e continuando a viagem a 25, segunda-feira.

Eis um trecho de sua narração relativa à antiga Vila de São Carlos:

CHEGADA

Chegado a Campinas, estabeleci-me, na entrada da cidade, sob um vasto rancho coberto de telhas e cercado de muros sólidos feitos de taipa. Desde este lugar até S. Paulo conta-se um certo numero de ranchos que foram construidos da mesma maneira; chamam-se **reiunos**. A administração tinha ocorrido a suas despesas, e a este respeito merecia os maiores elogios. Era conceder assinalada proteção à agricultura assim subtrair as caravanas à cupida incuria dos proprietarios e incumbir-se de preservar de uma deterioração, infelizmente muito facil, os ricos produtos da terra. Prouvesse aos céus que deste modo se aplicasse a favorecer o comercio e os esforços dos agricultores!

Apenas me havia instalado sob o **rancho** de Campinas, e já três caravanas de bestas carregadas com açúcar ali vieram alojar-se igualmente.

FABRICAÇÃO DO AÇÚCAR

E' à fabricação do açúcar que Campinas deve a sua origem. Julgou-se durante muito tempo que as terras pretas dos arredores de Itú eram as únicas de toda esta parte da proprovincia que fossem adequadas à cultura da cana. Entretanto, mau grado o preconceito estabelecido, algumas pessoas tentaram, cerca do ano de 1770, plantar essa graminea nos terrenos de um vermelho escuro que dependem do **termo** atual de Campinas. O êxito coroou seus trabalhos, e em breve seu exemplo foi seguido por um grande numero de agricultores. Construiu-se, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição (1), uma igreja onde a missa foi celebrada pela primeira vez em 1776 (2); uma aldeia se formou e foi chamada **Campinas** (vastas campanhas); breve, a igreja da Conceição tornou-se paroquia; em 1797, o capitão-general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça erigiu em cidade e em cabeça de **termo**, sob o nome de **S. Carlos**, a nova aldeia, que até então tinha pertencido ao **termo** de Jundiaí. Foi a **juizes ordinários** nomeados pelo povo que se confiou a administração da justiça. De 1818 a 1823 a vila de S. Carlos ou Campinas teve um crescimento sensivel; seus progressos foram ainda mais notaveis depois que o Brasil se tornou independente, e em 1840 o governo provincial de S. Paulo lhe deu o título de cidade de **S. Carlos** (3).

CASAS DE TERRA SOCADA

Mais adiante. diz:

A cidade de Campinas é cercada de mato por todos os lados. As ruas não têm muita largura; as casas são novas (1819), próximas umas das outras, cobertas de telhas e construida, na maior parte, com terar socada (taipa); várias entre elas podem passar por muito bonitas. A igreja paroquial, pequena e mesquinha (1819), ergue-se numa praça que forma um quadrado longo. Por ocasião de minha viajem, construia-se de todos os lados, e era fácil de ver que a cidade de Campinas adquiria em breve uma importancia notavel.

Pela maior parte, os habitantes dos arredores de Campinas são agricultores. E', de toda a provincia de S. Paulo, o **termo** que produz mais açúcar. Desde 1819 ali se encontrava uma centena de fazendas de açúcar, nelas compreendidas as distilarias, e em 1838 contavam-se 93 engenhos de açúcar, propriamente ditos, em um numero igual de estabelecimentos onde se fabricava aguardente. (1) Entre os proprietarios dessas fazendas (**senhores de engenhos**) (2), há alguns muitos ricos; Luiz d'Alincourt nomea um (3), entre outros, cuja renda não se elevava, em 1817, a menos de 80.000 cruzados (200.000 francos).

Os estabelecimentos que se consideravam, por ocasião de minha viajem, como tendo alguma importancia, empregavam cerca de vinte escravos, e assegura-se que com este numero se faziam facilmente 2.000 arrobas de açúcar (29.480 quilos).